

# O TEXTO BÍBLICO E A IGREJA CATÓLICA ROMANA: APROXIMAÇÕES PASTORAIS

## *Bible text and Roman Catholic Church: approaches pastoral*

Sergio Rogério Azevedo Junqueira\*  
Valéria Andrade Leal\*\*

### Resumo

O texto é parte de uma pesquisa qualitativa histórica sobre o uso do texto bíblico na pastoral. Articulado a partir do início da era cristã, perpassando pelo período medieval, renascimento, moderno e contemporâneo, este breve estudo histórico será pressuposto para outras etapas da pesquisa do uso pastoral da Bíblia. Significativamente pelo fato de que, ao longo dos séculos, o uso do texto bíblico vinha acompanhado de várias questões acerca de quem e como interpretá-lo, considerando a tradição e o magistério, de forma que houve uma restrição ao texto para a maioria dos cristãos. Trata-se de uma longa história da qual se pretende apresentar alguns acenos para levantar novas questões, sobretudo, quanto ao lugar da Escritura na pastoral da Igreja hoje, especialmente na pastoral escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Bíblia. Pastoral. Pastoral Escolar.

### Abstract

*The text is part of a qualitative research on the historical use of the biblical text in pastoral. Linked from the early Christian era, spanning the period medieval,*

\* Livre Docente em Ciência da Religião (PUCSP) – Doutor em Ciências da Educação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR. Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER – [www.gper.com.br](http://www.gper.com.br)). E-mail: <[srjunq@gmail.com.br](mailto:srjunq@gmail.com.br)>.

\*\* Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: <[andradeleal@yahoo.com.br](mailto:andradeleal@yahoo.com.br)>.

*renaissance, modern and contemporary, this brief historical study is assumed for other phases of research pastoral use of the Bible. Significantly by the fact that over the centuries the use of the biblical text was accompanied by several questions about who and how to interpret it considering the tradition and teaching, so that there was a restriction on the text for most Christians. It is a long story which presents some nodes to raise new issues, especially regarding the place of Scripture in the Church's pastoral today, especially in the pastoral school.*

KEYWORDS: *Bible. Pastoral. Pastoral School.*

## **Introdução**

Muitos são os apelos vindos da sociedade hodierna que desafiam a Igreja a encontrar novas formas de evangelizar. Segundo os bispos brasileiros, na conjuntura atual de muito barulho e poucas referências confiáveis, a sociedade tem sede de palavra que traga sentido, esperança, paz, tem sede da Palavra de Deus<sup>1</sup> e esta é o meio privilegiado de encontro com Cristo,<sup>2</sup> razão de toda ação evangelizadora. Por isso, a Igreja assume como desafio e compromisso fazer com que a Palavra de Deus seja a fonte de toda a ação evangelizadora para que nutra a vida cristã.

A história da exegese cristã é rica e mostra a importância que a Sagrada Escritura sempre teve na Igreja, entretanto, circunstâncias históricas ocasionaram o distanciamento entre a Escritura e o católico leigo. Estes por séculos nutriram sua espiritualidade por meio de práticas devocionais, fundamentadas na Tradição e no Magistério da Igreja e também na Escritura, embora sem tomá-la diretamente. Outros grupos, entretanto, tomavam traduções de livros ou trechos bíblicos e a partir delas orientavam práticas e espiritualidades que, por seu caráter alternativo e discordante, foram, muitas vezes, indexadas e combatidas como heréticas. Já no mundo moderno, com o uso da Bíblia sendo disseminado pelas igrejas oriundas da Reforma, ouvindo os apelos das comunidades católicas expressos, sobretudo, no movimento bíblico, litúrgico e catequético, o Vaticano II promoveu um retorno à Sagrada

---

<sup>1</sup> DGAE: 2011-2015, n. 48.

<sup>2</sup> Ibid., n. 46.

Escritura, recomendando que seja ela a fonte de toda pregação e ação da Igreja (DV 21) por saber que ela exprime de modo particular a pregação apostólica (DV 8). Os ecos do Concílio ressoam em todas as atividades pastorais e receberam novo impulso com o Sínodo de 2008. Toda a Igreja é convidada a voltar-se para a Palavra, lida e interpretada na comunidade, no “Espírito que a inspirou” (VD, n. 12).

Neste contexto eclesial se coloca também a escola católica, lugar de evangelização e educação da fé. Diante disso, todos os profissionais da área, atuando na escola católica, supostamente sentem-se interpelados a iluminar sua prática educativa pela Palavra, especialmente aqueles que atuam diretamente na pastoral escolar, setor que atua diretamente com a ação evangelizadora na escola. O texto que segue procura identificar como a Bíblia esteve presente na história da Igreja Católica Apostólica Romana para iluminar novas formas de promoção do encontro com Jesus Cristo vivo na Palavra de Deus (DAp, n. 249) pela ação do agente de pastoral em uma escola em pastoral, ou seja, comprometida com a evangelização.

## Herança judaica e novidade cristã

As primeiras comunidades cristãs tinham em mãos o AT, herança da tradição hebraica. A Sagrada Escritura era o livro da comunidade que a (re)lia e (re)significava à luz da ressurreição de Jesus. Em uma leitura de interesse pastoral, cabe lembrar que na comunidade, as relações hierárquicas giravam em torno da liderança conquistada pelo testemunho de vida e pela pregação.<sup>3</sup> Neste contexto, não há distinção entre as pessoas que o possam ou não tomar nas mãos a Escritura. O texto estava relativamente disponível, considerando as condições socioculturais e o interesse de cada um a partir do seu grupo de origem.

Considerando que havia cristãos helênicos e aqueles provindos do judaísmo,<sup>4</sup> a aceitação da tradição judaica foi tema de muita reflexão dos líderes da comunidade. Atos dos Apóstolos (11,1-21) mostra claramente a discussão em torno do assunto<sup>5</sup> e como foram determinantes experiências vividas pelos líderes da comunidade, neste caso, Pedro.

<sup>3</sup> Cf. At 6,3; *ITm* 5,17.20; *IPd* 5,1-3.

<sup>4</sup> Cf. At 6,1.

<sup>5</sup> Também textos como *Mt* 5,17-19 e *Mc* 7,15-23 mostram que havia diferentes posições entre as comunidades primitivas com relação à Lei e ambas procuravam apoiar suas argumentações na atitude de Jesus.

Entretanto, textos do NT que apresentam Jesus argumentando com textos da Escritura (*Lc* 4,2-12), recitando salmos (*Mt* 26,30; *Mc* 14,26), esclarecendo aspectos da lei (*Mt* 5,17-28), indicam que, além do testemunho de Pedro, a relação de Jesus com a Escritura influenciou na compreensão do texto entre os cristãos.

No tempo de Jesus, a vivência da fé passava especialmente pela prática da lei. A relação de Jesus com a Lei de Israel<sup>6</sup> não era de desconsideração ou de supervalorização. Ele considerava a Lei escrita e rejeitava alguns preceitos humanos que não promoviam a libertação da pessoa. Não recusava o conjunto das leis, porque sabia que tais preceitos eram uma atualização da lei para as circunstâncias contemporâneas, porém condenava os extremismos que aprisionam a pessoa humana. Para Fusco,<sup>7</sup> Jesus provocou escândalo devido ao seu trato com a Lei que não era a contestação, mas a “reivindicação de autoridade” (*Lc* 20,1ss). O autor lembra que Jesus se entendia portador de uma revelação “e esta nova revelação, da qual Jesus se sente portador, não está em contraste, mas em continuidade com a antiga”,<sup>8</sup> ou seja, o ensinamento de Jesus está de acordo com a herança do povo de Israel, mas a renova, atualiza, provavelmente porque seus referenciais não são o templo e as práticas rituais, mas o profético anúncio do Reinado de Deus.

Vivendo a expansão da mensagem cristã entre os não judeus e buscando no exemplo de Jesus à resposta para a questão da tradição judaica, a comunidade deu novo significado ao AT. Para isso, a experiência da ressurreição foi fundamental, a partir dela, o texto e a pessoa de Jesus se relacionam de tal forma que a comunidade compreende a um e a outro sob uma nova perspectiva: da promessa, da salvação de Deus plenamente realizada em Jesus. Logo, para os cristãos, não apenas a Lei, mas todo o conjunto da escritura hebraica continuava a expressar a experiência religiosa, o conteúdo da fé e a estabelecer o ethos da comunidade. Por isso, os primeiros cristãos não sentiram necessidade de outra escritura.<sup>9</sup>

<sup>6</sup> NORELLI, Enrico. *La Bibbia come problema alle origini del cristianesimo*. In: \_\_\_\_\_, *La Bibbia nell'antichità Cristiana*. Da Gesù a Origene. Bologna: Dehoniane, 1993. Introdução, p. 9-33.

<sup>7</sup> FUSCO, Vittorio. *Gesù e le Scritture di Israele*. In: NORELLI, Enrico. *La Bibbia nell'antichità Cristiana*. Da Gesù a Origene. Bologna: Dehoniane, 1993. Cap. 1, p. 35-63.

<sup>8</sup> FUSCO, op. cit., p. 59 (tradução nossa).

<sup>9</sup> ARTOLA, Antonio M., CARO, José Manuel Sánchez. *Bíblia e Palavra de Deus*. São Paulo: Ave Maria, 1996. (Coleção: Introdução ao estudo da Bíblia). p. 85-86.

O Novo Testamento formou-se posteriormente com a compilação dos ensinamentos de Jesus e dos Apóstolos e insistia no fato de que Jesus é o cumpridor das promessas feitas ao povo de Israel, registradas no Antigo Testamento. Ele era a intervenção definitiva de Deus e o ponto de chegada para interpretação de toda a Escritura.

De forma geral, a Igreja nascente serve-se da Escritura hebraica para reinterpretar a experiência vivida com Jesus, ao mesmo tempo em que compõe seu próprio texto servindo-se de citações do AT como uma explicação do próprio texto<sup>10</sup> à luz da ressurreição, julgando fazer um favor ao antigo autor, pois o que antes era dito de forma escondida, agora, em Cristo, era plenamente revelado. Assim, a comunidade cristã sentia-se herdeira das promessas, ao mesmo tempo em que presenciava sua concretização em Jesus. Logo, o texto sagrado judaico era aceito e entendido como Palavra de Deus dirigida à comunidade, “útil para ensinar e repreender (2 Tm 3,16) e deveria ser transmitida a todos os povos (Mt 28,19-20). O texto pertencia a toda a comunidade e seu conteúdo, ou seja, o testemunho poderia ser transmitido por aqueles que o experienciavam. As experiências de fé e os ensinamentos eram comunicados nas assembleias e o acesso ao texto sagrado era limitado apenas pelas condições alheias à organização da comunidade tais como saber ou não ler e ter condições econômicas e socioculturais para possuir cópias manuscritas da Escritura, de cartas ou outras partes das nascentes escrituras cristãs raras e caras. O uso da Setenta mostra a preocupação como era transmitida sem restrições a mensagem evangélica.

## Experiência posta à prova

Desde o início, os seguidores de Jesus viveram situações conflituosas com representantes judeus. Nestas situações, a Escritura desempenhou papel fundamental também nas discussões, pois os que acreditavam no Cristo tiveram que recorrer à Escritura para justificar sua crença e defender-se das acusações que pesavam sobre eles.<sup>11</sup> Recorreram especialmente aos escritos proféticos, constituindo um verdadeiro dossiê de citações messiânicas, para provar que Jesus era o messias.

<sup>10</sup> NORELLI, Enrico. *IL dibattito con il giudaismo nel II secolo*. Testomonia; Barnaba; Giustino. In: \_\_\_\_\_. *La Bibbia nell'antichità Cristiana*. Da Gesù a Origene. Bologna: Dehoniane, 1993. p. 210-211.

<sup>11</sup> NORELLI, op. cit., p. 200.

Mais tarde, a difusão do cristianismo, em diferentes lugares e classes sociais, proporcionou o contato com diferentes culturas e religiões. O avanço nos meios de transporte terrestre e marinho tornou os grupos humanos mais ecléticos. O povo, porém, sentia-se oprimido e “buscava experiências pessoais religiosas para preencher vazios”<sup>12</sup> o que contribuiu para adesão de muitos ao cristianismo. Tais adesões, porém, colocaram o cristianismo em contato com diferentes religiões e correntes filosóficas que davam compreensões diversas à mensagem cristã. Foi um tempo de defesa da originalidade do ensinamento cristão, pois tais compreensões expressavam controvérsias. Os embates não se davam com qualquer cristão que se pudesse encontrar na praça, mas com os líderes da comunidade, pessoas com maior cultura erudita. Tenha-se em mente os gnósticos, na maioria, bons exegetas exigiam que os cristãos também aprimorassem sua própria compreensão do texto, sua extensão, o sentido do texto para a comunidade. Este papel foi desempenhado com esmero pelos padres da Igreja, então líderes das comunidades que cresceram entre os anos 100 e 300 d.C. Os desafios deste tempo levaram a um grande crescimento na interpretação do texto sagrado do AT e os já consolidados textos do NT. Tertuliano e Orígenes merecem destaque porque trazem à tona o problema da correta e sistemática interpretação do texto. Importante também é a compreensão de interpretação eclesial que surge entre os apologetas. Eles entendiam que apenas a Igreja tinha autoridade para interpretar os textos, pois havia recebido a tradição de Cristo, por meio dos Apóstolos, e seria a única a ter a *regula fidei* para fazê-lo. Tal compreensão começa a dar justo limite à interpretação do texto.

Muitos outros exemplos da exegese patrística poderiam ser citados seja na linha oficial, seja entre os então considerados heréticos ou que se referiam a textos que posteriormente foram excluídos do cânon. O escopo desta breve retomada histórica, no entanto, volta-se para o fato de que, neste período de consolidação do texto cristão, a apologética servia não apenas para defender-se dos pagãos, mas para esclarecer os cristãos, agora oriundos de diversos contextos culturais e sociais, acerca do conteúdo da fé e da vivência cristã. A Escritura, considerando textos do NT era usada, sobretudo na pregação, como argumento de convencimento à coerência da vida cristã e à pessoa de Jesus como

---

<sup>12</sup> MOSCONI, Luis. *Para uma leitura fiel da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 44.

o salvador, enviado por Deus. Segundo Martini,<sup>13</sup> neste período não havia catecismos ou outros manuais e tratados de teologia de forma que a Escritura lida ou ouvida, na leitura e na pregação, era o livro-base da formação de todo cristão. Com o decreto de Constantino, foi se formando uma cultura permeada do conteúdo bíblico, o que daria origem a novas e diversificadas leituras em face ao novo perfil de cristão que então seria traçado.

## Uma cultura bíblica?

O período medieval é marcado por uma sociedade culturalmente mais homogênea, bem diferente do contexto das primeiras comunidades perseguidas e dos apologetas desafiados pelas diversas correntes filosóficas. Os padres da Igreja sabiam claramente qual era o contexto cultural e qual a sua diferença da Escritura: viviam na cultura grega e acreditavam na Palavra revelada. A grande questão era a interpretação. Já na idade medieval a Bíblia é a própria cultura.<sup>14</sup> Os medievais receberam a Escritura como texto já fixado, herdaram da tradição que a Escritura possui vários sentidos e avançam na criativa interpretação, livres da escravidão textual dos antigos e também das armadilhas do gnosticismo.

Não obstante as possíveis divisões dos períodos históricos dos séculos que marcam a cristandade e os grandes progressos feitos no campo da exegese com grandes figuras como Cassiano e Beda, a retomada dos textos patrísticos no período carolíngio, as expressões da exegese monástica e o surgimento das universidades medievais que são apenas alguns elementos que compõem o extenso quadro da história da exegese medieval, o interesse deste artigo volta-se mais para a relação entre o povo, no qual podemos inserir o baixo clero, e a Sagrada Escritura.

Com a construção das grandes Igrejas, foi-se, aos poucos, sistematizando o culto cristão. Este era o lugar de encontro da comunidade onde todos poderiam participar e nele a Palavra tinha lugar de destaque. É na Idade Média que surgem os primeiros manuais litúrgicos, embora a tradição seja da Igreja Antiga que já havia destacado o sentido da

<sup>13</sup> MARTINI, Carlo M.. A Sagrada Escritura, alimento e norma da pregação e da religião. In: LYONNET, Stanislas, et al. *A Bíblia na Igreja depois da 'Dei Verbum'*. São Paulo: Paulinas, 1971. p. 169-185.

<sup>14</sup> BOZZO, Gianni Baget. L'esegesi mistica. In: CREMASCOLI, G.; LEONARDI, C. (Org.). *La Bibbia nel medioevo*. Bologna: Dehoniane, 1996. p. 101.

Palavra, os textos e a relação entre NT e o AT.<sup>15</sup> Aos poucos foi se compondo o quadro do que hoje se conhece por ano litúrgico.<sup>16</sup>

Segundo Ropa,<sup>17</sup> na Idade Média, a Escritura já era proclamada no início da missa e havia lugar de destaque para o lecionário. Nas assembleias do primeiro século, o texto bíblico era lido na íntegra, como leitura corrida, lendo-se a totalidade dos textos. Já no séc. III, a Páscoa e Pentecostes possuíam uma leitura própria, fugindo da leitura contínua, e no séc. IV, Ambrósio cita leituras próprias de toda Semana Santa. No século V, Cromazio e Pedro Crisólogo compõem sermões em uma sequência de textos definida. Por volta dos séculos IV e V, em Jerusalém, já havia uma lista de textos próprios para cada celebração. Algumas perícopes sofriam adaptações,<sup>18</sup> seja por questões doutrinárias, ou por desejo de harmonização ao estilo da Diatessaron como acontece com a narrativa da paixão.<sup>19</sup>

Os salmos, na maioria cantados, eram bastante usados na liturgia, especialmente com o surgimento da liturgia das horas.<sup>20</sup> Surgiram também hinos que faziam parte da missa. Na tardia Idade Média, as perícopes bíblicas do ofício foram sendo substituídas por leituras dos padres da Igreja ou hagiografias sob a influência de uma onda de devocionismo que foi deixando a Escritura em segundo plano.<sup>21</sup> Este devocionismo estaria ligado ao desenvolvimento de uma mística baseada no cristocentrismo, surgida nos mosteiros e conventos. Há uma ênfase no aspecto da contemplação entendida como vinda do divino ao humano e se afirma, sobretudo, na identificação com o crucificado. Também a

<sup>15</sup> ROPA, Giampaolo. *La trasmissione nella liturgia*. In: CREMASCOLI, G.; LEONARDI, C. (Org.). *La Bibbia nel medioevo*. Bologna: Dehoniane, 1996, p. 30.

<sup>16</sup> No ocidente o registro de um lecionário é do fim do século V, mencionado por Gennado referindo-se a um exemplar composto por um padre de Marselha. O *Lectionarium missae* ou *Comes* foi o primeiro a copilar textos e apresentá-los independente do livro Bíblia. Mas o mais antigo lecionário é o de Wolfenbüttel, séc. VI, em uso na Gália merovíngia. Nele são feitas três leituras na missa: AT, Cartas Paulinas e Evangelho (ROPA, op. cit., p. 33).

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>18</sup> No *Capitolare di Würzburg* já aparece a fórmula *in illo tempore* (naquele tempo) ou *cum* (quando) ou *in diebus illis* (naqueles dias) este mais usado para as leituras do AT e *haec dicit dominus* (este é o chamado) para leituras proféticas e o epistolário iniciando com *Frates* ou *Carissimi* (*Ibid.*, p. 32).

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 40-42.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 43.



ressurreição ganha destaque em seu caráter humano e divino.<sup>22</sup> Neste contexto, surgiram devoções como a do Coração de Jesus que, ao lado de outras menos difundidas ou de expressão local, alimentam a espiritualidade do período e baseiam-se na espiritualidade litúrgica que por sua vez, em uma medida ou outra, era fundamentada na Escritura, mas que não necessariamente oferecia acesso direto ao texto sagrado pelos fiéis.

Na alta idade média, o latim<sup>23</sup> era a língua da liturgia. No final deste período, o povo em geral já não compreendia o latim e a pregação se tornou a única forma de acesso à Escritura.<sup>24</sup> A pregação era função do bispo e dos clérigos que cuidavam das almas. A partir do séc. XIII, foi dada também como função aos irmãos das ordens mendicantes para ajudar os primeiros na luta contra os heréticos.

Os pregadores eram intérpretes da Escritura. Para ajudá-los em sua tarefa, considerando que muitos não eram exímios estudiosos, surgiram coleções de pregações que consistiam em um prólogo, o desenvolvimento em que se abordava a respeito da Palavra propriamente dita, considerava a boa disposição do ouvinte e terminava com uma oração. Na alta idade média, as pregações voltavam sua atenção totalmente à Escritura. Desenvolve-se a ideia de que Jesus está presente nas palavras do pregador e que passa à voz do pregador, mas a palavra, Jesus, fica na mente de quem ouve. A pregação deveria, então, levar a pessoa a uma oração, e a atenção ao pregador deveria desaparecer.<sup>25</sup>

Com o desenvolvimento das universidades, surgiu um tipo de pregação didática que não provinha da escolástica, mas continha elementos da cultura gótica e era fruto da “lectio universitária, da exegese bíblica aberta ao problema da pastoral”.<sup>26</sup> Nela, ao invés de se ater à perícopes inteira, como na patrística, explorava-se o tema da Escritura. Neste tipo de pregação, eram muito usadas metáforas e recorria-se à autoridade dos personagens bíblicos.

Aos poucos, com base na ideia de voz de Jesus, a pregação passou a substituir a Escritura propriamente dita. Também a possibilidade de pregação fora da liturgia e da escolha do tema independente da leitura

<sup>22</sup> BOZZO, op. cit., p. 102.

<sup>23</sup> ROPA, op. cit., p. 31.

<sup>24</sup> DELCORNO, Carlo. *La trasmissione nella predicazione*. In: CREMASCOLI, G.; LEONARDI, C. (Org.). *La Bibbia nel medioevo*. Bologna: Dehoniane, 1996. p. 65.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 68.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 69 (tradução nossa).

do dia contribuiu com este processo. Alguns pregadores enfatizavam questões morais ou outros temas, conforme sua própria intenção ou interesse dos ouvintes. A pregação histórica foi perdendo campo, pois se julgava desnecessário ouvir a mesma história muitas vezes.<sup>27</sup>

As ordens mendicantes, entre as quais destacam-se dominicanos e franciscanos, foram as primeiras autorizadas na pregação fora da liturgia e o faziam em suas viagens missionárias. Os primeiros defendiam a primazia da Escritura na pregação,<sup>28</sup> consideravam a memória um recurso essencial e contavam com a graça para que a pregação ultrapassasse a memória e produzisse frutos na vida dos fiéis.<sup>29</sup> No início da ordem franciscana, a gesticulação era bastante usada na pregação, era quase um teatro do texto; dramatizaram-se as cenas, tornando-as comoventes. Essa era a novidade da pregação franciscana mesmo depois que estes começaram estudos rigorosos. Recuperam-se elementos da tradição apócrifa e se desenvolve diálogo entre os personagens bíblicos.<sup>30</sup>

A pregação, na liturgia e fora dela, era muitas vezes o contato mais direto que o povo, de minoria de alfabetizados e sem acesso a livros, poderia ter. Entretanto isso não impediu que diversas expressões culturais estivessem permeadas de elementos bíblicos. Além da pintura e escultura em que a influência bíblica é mais evidente, a paródia era uma delas. Os acenos bíblicos presentes neste tipo de produção artística levou Rabano Mauro<sup>31</sup> a afirmar que a paródia refere-se ao texto bíblico apenas como literatura para exercitar e deliciar a mente e mostra que a Escritura não era vista apenas como texto sagrado, mas também cultural.<sup>32</sup> O mesmo acontecia na poesia, no teatro, especialmente de comédia. Da mesma forma, a Bíblia inspirou a produção literária poética. Poemas inspiravam-se em passagens e personagens bíblicos. Recontavam-se as histórias através de poemas dos mais variados tipos para serem simplesmente recitados ou com finalidades didáticas e catequéticas.<sup>33</sup>

---

<sup>27</sup> Ibid., p. 77.

<sup>28</sup> Ibid., p. 78-79.

<sup>29</sup> Ibid., p. 67-68.

<sup>30</sup> Ibid., p. 81.

<sup>31</sup> Rabano Mauro apud CREMASCOLI, Giuseppe. *La parodia biblica*. In: CREMASCOLI, G.; LEONARDI, C. (Org.). *La Bibbia nel medioevo*. Bologna: Dehoniane, 1996. p. 440.

<sup>32</sup> Bons exemplos de paródias relacionadas a textos bíblicos: *Cena Cypriani*, *Carmina burana* de S. Pittaluga, a poesia *Goliardi* entre outras (CREMASCOLI, *ibid.*, p. 440-453).

<sup>33</sup> STELLA, Francesco. La trasmissione nella letteratura: la poesia. In: CREMASCOLI, G.; LEONARDI, C. (Org.). *La Bibbia nel medioevo*. Bologna: Dehoniane, 1996. p. 47-64

Outro tipo de manifestação cultural que marcou, especialmente a virada no primeiro milênio é a literatura visionária, através da qual um suposto vidente narra sua experiência mística. A visão é entendida como revelação vinda diretamente de Deus. A relação de dependência entre Escritura<sup>34</sup> e a experiência visionária alertava para o fato de que as revelações não poderiam contradizer a Escritura, ou modificar sua narração e escrita.<sup>35</sup> Havia também a figura do profeta medieval que anunciava um Apocalipse em ação, criticando situações do presente e com visão positiva para o futuro. Este baseava-se em previsões astrológicas, revelação particular ou combinação de textos bíblicos. O profeta, na maioria das vezes leigo, encontrava problemas com a teologia escolástica, universitária, especialmente nos séculos XIII e XIV. Ele precisava legitimar sua profecia, para isso, ao proclamar sua história autobiográfica, onde Deus supostamente atuava, ele recorria à Bíblia.<sup>36</sup>

A partir da metade do séc. XI nasce um movimento com base no monaquismo radical que reavalia o Evangelho e Atos questionando a suntuosidade da liturgia e fixa sua atenção no seguimento de Cristo na sua pobreza. Este se expressa, sobretudo, na arte que era uma interpretação da Escritura.<sup>37</sup> Entretanto, Martini<sup>38</sup> informa que a desconfiança no uso da Escritura pelos leigos surge no fim do século XII. Ele relata que o bispo de Metz, em 1199, envia uma carta ao Papa Inocêncio III mostrando sua preocupação com um grupo de leigos que traduziu o Evangelho, reunia-se para ler a Escritura e mostrava certa arrogância com relação ao pároco do local. A resposta do Papa convida à vigilância a este tipo de iniciativas, mas não toma nenhuma decisão de proibição.

---

<sup>34</sup> As visões remetiam mais às questões do juízo final. Como a Escritura não traz muitas informações a esse respeito é difícil estabelecer uma relação mais estreita entre ambas, sendo que às vezes parece que os elementos bíblicos que aparecem nas narrativas visionárias podem apenas ser parte da cultura medieval (MAGGIONI, Giovanni Paolo. *La Bibbia nella letteratura visionaria*. In: CREMASCOLI, G.; LEONARDI, C. (Org.). *La Bibbia nel medioevo*. Bologna: Dehoniane, 1996. p. 382-386).

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 380-381.

<sup>36</sup> SANTI, Francesco. *La Bibbia e la letteratura profetico-apocalittica*. In: CREMASCOLI, G.; LEONARDI, C. (Org.). *La Bibbia nel medioevo*. Bologna: Dehoniane, 1996. p. 391-392.

<sup>37</sup> NARI, Monica Chiellini. *La Bibbia nelle immagini*. In: CREMASCOLI, G.; LEONARDI, C. (Org.). *La Bibbia nel medioevo*. Bologna: Dehoniane, 1996. p. 417.

<sup>38</sup> MARTINI, op. cit., p. 175-176.

Entretanto, nos séculos precedentes, as controvérsias<sup>39</sup> vão surgindo nas comunidades locais e aos poucos surgem medidas proibitivas que resultam no distanciamento da Escritura para a grande maioria dos cristãos. Além do conceito da *regula fidei* também entrava em questão a autoridade e o poder eclesiástico. O problema das traduções chegará a seu ponto alto nas contestações de Lutero, na Idade Moderna.

## Desafios dos novos tempos

O advento da Idade Moderna trouxe para a Igreja novos desafios, muitos dos quais tiveram a Escritura no centro das atenções. O surgimento do humanismo e renascentismo colocou em cheque o conhecimento teológico em face às descobertas científicas e análises racionalistas acerca das verdades de fé. A Reforma também seria um ponto crítico na história da Igreja e incidiria diretamente no uso pastoral da Escritura.

Este período, entretanto, é marcado por inovações e retrocessos no campo dos estudos e divulgação da Bíblia. A invenção de Gutemberg abre a possibilidade de mobilidade de um texto, menor custo e grande escala de reprodução. Entretanto as formas de impressão continuaram seguindo os padrões dos copistas. Johann Froben lança a Bíblia de bolso, o que suscita novos estilos e possibilidades de ampliação da produção, ocasionando a concorrência entre os editores. Sendo os livros de “banco” destinados aos estudiosos, Froben abre caminho para o uso da Bíblia para os que estavam fora do círculo acadêmico. Surgiu a necessidade de que este novo público fosse atraído para tal leitura e o texto passa a ser apresentado como necessário à vida de qualquer cristão. O fato de haver uma nova classe social em ascensão, a burguesia também dava

---

<sup>39</sup> Muitas das ditas heresias na Idade Média relacionam-se à leitura da Escritura. Dentre elas podemos citar as discussões acerca do pensamento de Valdesio cuja conversão se dá pela meditação pessoal do texto. Ele inicia sua missão de pregador com a intenção de anunciar ao Evangelho vivendo-o como viveram os apóstolos. Muitos de seus adeptos clérigos tinham grande conhecimento da Escritura. Além dele, Enrico e Arnaldo de Brescia negam as funções eclesiais dos bispos e do clero porque entendem que a riqueza e o poder não coincidem com o Evangelho. A partir de interpretações diferentes da Escritura surgiram ainda os discursos de Ugo Speroni, Cesario di Heisterbach, Arsenio Frugoni, Ademaro di Chabannes e Bernardo Gui e também dos cátaros. Muitas vezes o problema não era a exegese do texto, mas a coerência entre a vida cristã e as recomendações evangélicas (Cf. MERLO, Grado Giovanni. *Bibbia ed eretici del pieno medioevo*. In: CREMASCOLI, G.; LEONARDI, C. (Org.). *La Bibbia nel medioevo*. Bologna: Dehoniane, 1996. p. 425-437.

impulso à aquisição destas impressões. Caras, elas simbolizam o status dos novos ricos, que ainda conservavam suas crenças.

Apesar desta primavera da Sagrada Escritura, a Reforma reforçou a atitude de desconfiança com relação às traduções, pois a Escritura se tornou o lugar teológico e fundante de todo pensamento luterano sintetizado na *sola scriptura*. A proibição das traduções vulgares,<sup>40</sup> que levou a muitos processos inquisitoriais, é fruto desse clima de hostilidade. A motivação que acompanhava tais traduções é que era o ponto nevrálgico da questão. Isso porque era incentivada a leitura individual para compreensão e alimento da fé em detrimento dos ensinamentos da Igreja: a leitura da Escritura garantiria a salvação sem a vida sacramental da Igreja.<sup>41</sup>

No âmbito acadêmico, o debate com os reformistas sobre a Bíblia contribuiu para um amadurecimento dos estudos bíblicos. A racionalidade humanista, o retorno às obras clássicas da antiguidade e a valorização das línguas antigas, contribuíram para a construção de novos critérios de interpretação crítica, literária e histórica e endereçamentos filosóficos e ideológicos, segundo interesses religiosos e políticos. A Bíblia seria então estudada e analisada fora da Igreja como literatura e não como livro sagrado, sendo postas à prova as verdades históricas e científicas. Tais atitudes, além das inúmeras questões levantadas em nível acadêmico, resultaram em um distanciamento da Escritura como livro que traz uma mensagem para o leitor de fé. Mesters<sup>42</sup> afirma que a Escritura “tornou-se objeto da pesquisa histórica e, por isso mesmo,

---

<sup>40</sup> O Concílio de Trento encontrou quatro soluções para a questão das traduções: 1) Declarar oficial a Vulgata para que não fossem usados textos em vernáculo nas disputas científicas e nas pregações; 2) Considerar a Vulgata manuscrita inexacta e apelou para a redação de um texto revisto; 3) A interpretação da Escritura não era tarefa individual, mas deveria estar de acordo com os ensinamentos da Igreja e os escritos dos Padres; 4) A edição e venda de Bíblias estaria subordinada a uma censura do magistério da Igreja. De fato, a questão das traduções vernáculas não foi diretamente abordada, pois entre os conciliares também existiam opiniões divergentes. Entretanto, em 1564, no final do Concílio, o silêncio foi quebrado com a publicação da lista de livros proibidos. Desta forma, as traduções vulgares apenas são permitidas a estudiosos mediante permissão dos bispos e inquisidores (ibid., p. 40-41).

<sup>41</sup> BUZZETTI, Carlo; BRAVI, Giulio Orazio. Edizioni della Bibbia versioni nelle lingue parlate con particolare riferimento all'Italia. In.: FABRIS, Rinaldo (Org.). *La bibbia nell'epoca moderna e contemporanea*. Bologna: Dehoniane, 1992. p. 32.

<sup>42</sup> MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. Um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 2007. 10. ed. p. 49.

começava a distinguir-se dos cristãos que a investigavam com aquela mentalidade nova, recebida dos historiadores”. O passado bíblico e a própria revelação foram ficando relegadas ao passado como um fundamento sólido, mas com pouca relação com a vida concreta do cristão.

As atenções voltaram-se para a questão da inerrância da Escritura e a relação entre ela e a vida ficou esquecida, visto que a Bíblia era o livro que trazia histórias do passado. Mesters<sup>43</sup> ressalta que a Escritura passou a ser um livro que meramente informava “sobre o passado e sobre a revelação” e a ênfase no conteúdo tirou o lugar do diálogo, da relação com Deus que agiu no passado e continuava agindo no presente. Essa compreensão, somada à proibição das traduções, da leitura individual e ao controle sobre as vendas de Bíblias, restringiu quase que por completo o acesso ao texto sagrado. Nem mesmo a popularização do livro pela imprensa conseguiu impedir este processo.

Ao coibir o acesso à Escritura, colocava-se a necessidade de outra alternativa para a educação na fé. Surge então, ainda em 1500, uma forma pedagógica de ensino bíblico pastoral além da pregação: o catecismo.<sup>44</sup> Num primeiro momento, o catecismo foi entendido como segunda via da Escritura, mas com o passar do tempo foi tomando seu lugar de forma que “do serviço que a catequese prestava à Escritura, passou-se ao serviço que a Escritura deveria prestar ao catecismo”.<sup>45</sup> Aquela, por vezes, tinha um papel de fundo: como suplementar à doutrina cristã, dogmática e moral.<sup>46</sup>

Uma forma de catequese que procurava aproximar-se da Escritura, mas que confirma o historicismo denunciado por Mesters,<sup>47</sup> foi a história sagrada. “Era o meio termo entre a ignorância bíblica e o manuseio

---

<sup>43</sup> Ibid., p. 49.

<sup>44</sup> BISSOLI, Cesare. La Bibbia nella Chiesa e tra i cristiani. In: FABRIS, Rinaldo (Org.). *La bibbia nell'epoca moderna e contemporanea*. Bologna: Dehoniane, 1992. p. 150.

<sup>45</sup> Ibid., p. 153.

<sup>46</sup> Embora essa não seja a visão geral é importante notar que o catecismo de Trento coloca como *locus communes* não a Escritura e os Padres, mas o Credo, os mandamentos, os sacramentos e o Padre-Nosso como *locus communes* da Escritura. Mas tanto o Catecismo Romano, como o seu precedente de Pedro Canísio mantém certo equilíbrio. Porém, o catecismo de Belarmino, que faz poucas referências à Escritura, será dominante a quase substituí-la (ibid., p. 156).

<sup>47</sup> Op. cit.

direto dos livros sagrados”.<sup>48</sup> A ênfase voltava-se para o conteúdo, para a história iniciada com Abraão e concluída com o último dos Apóstolos, de forma que a revelação só chega ao povo na medida em que se coloca em continuidade com a história da salvação.<sup>49</sup>

O texto sagrado só seria lido, de fato, na proclamação litúrgica. Mesmo na liturgia houve certo esvaziamento da Escritura, pois a formação dos clérigos se fundamentava apenas no aperfeiçoamento moral. As homilias tendiam a sermão e não conduziam ao mistério celebrado. Do mesmo modo a mística baseava-se mais no racionalismo que na contemplação do Cristo morto e ressuscitado.<sup>50</sup> A proclamação em latim nos ritos sacramentais e na liturgia das horas foi distanciando a Bíblia da cultura do povo e do agir cristão. As leituras das festas eram escolhidas no lecionário temporal ou santoral conforme o caráter espiritual que se queria dar. Repetiam-se muito as leituras o que impedia que se conhecesse a totalidade da Escritura além de torna-la monótona.

A vida pastoral se construía sobre o catecismo de caráter apologético e casuístico. Aos fiéis dava-se formação moral e incentivava-se a buscar a própria salvação por meio das boas obras, das indulgências, das práticas sacramentais e de piedade. Também desaparece a prática da *Lectio Divina* monástica e ganha espaço, em todos os ambientes católicos, as práticas sacramentais e as devoções populares. A Escritura foi substituída pelos manuais devocionais.<sup>51</sup> A Bíblia deixou de fazer parte do ambiente cultural e ficou relegada às fórmulas e à teologia. Ao povo, restava a leitura pelos olhos do poder eclesiástico.<sup>52</sup>

## Sinais de esperança

Após um longo período de afastamento, em meados do século XIX, cresce renovado interesse acerca da Escritura. Entre protestantes e, posteriormente, católicos, surgiram vários grupos de oração e estudos

<sup>48</sup> LIBÂNIO, João Batista. *Concílio Vaticano II*. Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo, Loyola, 2005, p. 22.

<sup>49</sup> MESTERS, op. cit., p. 55-56.

<sup>50</sup> GRÉGOIRE, Réginald. L'uso della Bibbia nella liturgia nei secoli XV-XVII. In: FABRIS, Rinaldo (Org.). *La Bibbia nell'epoca moderna e contemporanea*. Bologna: Dehoniane, 1992. p. 75-77.

<sup>51</sup> Ibid., p. 77.

<sup>52</sup> LIBÂNIO, op. cit., p. 22.

bíblicos e neles se redescobriu o interesse por uma catequese bíblica. Surgiram novas traduções da Escritura. Estabeleceu-se um clima de colaboração entre os dois grupos. Tem início o que posteriormente ficaria conhecido como movimento bíblico que traria à leitura bíblica os traços da modernidade.<sup>53</sup>

Tais iniciativas perderiam força na segunda metade do séc. XIX devido a posicionamentos das autoridades eclesiásticas que defendiam a inerrância e a leitura conforme a interpretação tradicional da Igreja e viam o contato com protestantes como perigoso. A atitude do Papa Pio X frente ao modernismo foi um dos mais severos golpes, especialmente em nível de pesquisa bíblica. Neste campo, embora novas descobertas arqueológicas e o maior conhecimento das línguas orientais permitissem análises mais apuradas do texto, a ênfase na verdade bíblica fez com que novas teorias, como a da evolução, entrassem em choque com os ensinamentos católicos acerca da Escritura e os exegetas fossem tolhidos de importantes recursos da ciência.<sup>54</sup> Apenas em 1943, com a *Divino Afflante Spiritus*, as ciências naturais seriam vistas como recurso para a exegese bíblica.

Em 1965, a *Dei Verbum* proporcionou que o estudo exegetico acontecesse sem temor e promoveu uma consciência e uma práxis nova.<sup>55</sup> Propiciou o acesso dos fiéis à Escritura, trouxe o texto para o centro da teologia, da catequese, da pregação, da vida cristã e da oração. A DV tirou a Escritura da marginalização, liberou o estudo do gargalo das condenações doutrinárias, abriu para o diálogo ecumênico e para a ciência.<sup>56</sup> A renovação litúrgica, também fruto do Concílio, trouxe a Escritura para o centro da liturgia. A catequese retomou o uso e o valor da Bíblia. Em diversos âmbitos eclesiais, surgem novos grupos e espiritualidades e grupos já existentes ganham força e maior liberdade para aproximar-se da Escritura. Dentre estes podemos citar o Caminho neocatecumenal que tem a Escritura como primazia e fundamento da vivência comunitária e da liturgia; a ação católica cujo método ver-julgar-agir em que a Escritura iluminava especialmente o segundo

---

<sup>53</sup> Ibid., p. 23.

<sup>54</sup> A *Providentissimus Deus* (1893) e *Spiritus Paraclitus* (1920) deixaram os exegetas de sobreaviso contra os abusos da teoria dos gêneros literários.

<sup>55</sup> BETORI, Giuseppe. Tendenze attuali nell'uso e nell'interpretazione della Bibbia. In: FABRIS, Rinaldo (Org.). *La Bibbia nell'epoca moderna e contemporanea*. Bologna: Dehoniane, 1992. p. 247 (Tradução nossa).

<sup>56</sup> Ibid., p. 248-249.



passo; a renovação carismática que estabelece contato com a Bíblia pela oração e nela busca o diálogo com Deus. Poderíamos incluir ainda o movimento *focolari* que vê na Escritura a norma de vida e o movimento comunhão e libertação em que a ênfase é dada na leitura comunitária, especialmente a oração de laudes e a liturgia sacramental.<sup>57</sup> Enfim, muitas foram as iniciativas, embora com limites, que proporcionaram o acesso à Escritura e maior consciência da Palavra de Deus na vida da Igreja e de cada cristão.

No Brasil, os grupos citados influenciaram, mas também houve iniciativas locais de popularização do texto sagrado antes e depois do Vaticano II. A fundação da Liga de Estudos Bíblicos (1947), a realização das semanas bíblicas, a instituição do dia da Bíblia e depois do mês da Bíblia e as traduções<sup>58</sup> conseguiram popularizar o texto bíblico e gerar uma nova compreensão de Escritura na ação pastoral. Mesters<sup>59</sup> relata com entusiasmo a leitura e interpretação que o povo faz da Escritura, especialmente nas comunidades eclesiais de base e nos círculos bíblicos. Grupos estes que se formaram especialmente nas classes sociais menos favorecidas e nas periferias. Para ele, a leitura nestes contextos é uma leitura orante,<sup>60</sup> que considera o texto atual e vivo, e está ligada à vida concreta.<sup>61</sup> Na catequese grande foi o empenho para voltar-se à centralidade da Palavra de Deus.<sup>62</sup> A liturgia também passou a valorizar mais a liturgia da Palavra<sup>63</sup> e o tema da Palavra aparecerá em todos os planos de ação evangelizadora do Brasil desde o Plano de Emergência (1960-64) e o Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970). Todas estas iniciativas e práticas foram essenciais não apenas para a difusão do texto bíblico entre os leigos, mas a construção de uma consciência acerca da Palavra de Deus, não apenas na Escritura, que possibilitou o convencimento de que toda a pastoral da Igreja deve estar imbuída desta Palavra de forma que atualmente se fala em animação bíblica de

---

<sup>57</sup> Ibid., p. 247-287.

<sup>58</sup> BARBOZA, Maria Aparecida. *Pastoral bíblica e animação bíblica no Brasil*. Disponível em: <[http://www.cnbb.org.br/site/images/stories/Pastoral\\_bblica\\_e\\_animao\\_bblica\\_no\\_Brasil\\_-\\_Ir.\\_Aparecida\\_Barboza.pdf](http://www.cnbb.org.br/site/images/stories/Pastoral_bblica_e_animao_bblica_no_Brasil_-_Ir._Aparecida_Barboza.pdf)>. Acesso em: 02 mar. 2013.

<sup>59</sup> MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa*. Uma explicação da Bíblia a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 1983.

<sup>60</sup> Ibid., p. 192-193.

<sup>61</sup> Ibid., p. 137.

<sup>62</sup> CNBB. *Catequese Renovada*. São Paulo: Paulinas, 1983.

<sup>63</sup> CNBB. *Animação da Vida Litúrgica no Brasil*. São Paulo, Paulinas, 1989.

toda pastoral, com toda a riqueza que a expressão e a caminhada histórica revelam.

Nos últimos anos, tem contribuído para o aprofundamento de tal consciência o documento da V Conferência do CELAM, em Aparecida, e a exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* que, inclusive, remete à sacramentalidade da Palavra (n. 56-57), acenando ao caráter performativo e sua relação com a Eucaristia. Ambas insistem na leitura eclesial e orante de todos os fiéis,<sup>64</sup> insistência esta que vem acompanhada do apelo de melhor formação bíblica para todos os cristãos.

### Considerações finais

Embora a quantidade de informações seja infinitamente maior do que aqui exposto, pode-se perceber que o lugar que a Sagrada Escritura ocupou na ação pastoral teve momentos de construção e de reconstrução, de riqueza e pobreza de significado da Palavra na vida do cristão em seu caráter performativo e dialógico. Embora a nova mentalidade proposta pela *Dei Verbum* ainda se encontre em construção, é inegável que passos importantes foram dados para que a Palavra seja a fonte da vida e da missão da Igreja. Tais passos também precisam alcançar uma frente pastoral já conhecida, mas que passa por um momento de consolidação: a pastoral escolar presente na escola católica. Para esta, a redescoberta do caráter performativo da Palavra e da Eucaristia podem ser pontos-chaves na evangelização dos batizados.

A escola católica, em sua maioria, está aos cuidados de congregações religiosas, com carisma próprio, com práticas cristãs e devocionais que formam uma expressão da fé em contextos determinados conforme a própria fundação e desenvolvimento na história. Dar à pastoral escolar um rosto próprio, inserido nestes carismas específicos, sem formar pequenos guetos, por vezes se apresenta como um desafio para o agente de pastoral. Também o fato da escola desenvolver funções educativas, ocorre-lhe a tentação de tomar o lugar da catequese. Frente a estas questões, a retomada histórica propõe-se a levantar novas possibilidades de leitura e interpretação da Sagrada Escritura como ponto de partida para uma efetiva evangelização de estudantes, especialmente os adolescentes. Que a história ensine e motive a olhar os novos tempos

<sup>64</sup> Cf. VD, n. 72, 76, 86-87 e DAp, n. 249, 300.

com criatividade para que o essencial aconteça: o encontro com Jesus Cristo vivo.

## Referências

ARTOLA, Antonio M.; CARO, José Manuel Sánchez. *Bíblia e Palavra de Deus*. São Paulo: Ave Maria, 1996. (Coleção: Introdução ao estudo da Bíblia).

BARBOZA, Maria Aparecida. *Pastoral bíblica e animação bíblica no Brasil*. Disponível em: [http://www.cnbb.org.br/site/images/stories/Pastoral\\_bblica\\_e\\_animao\\_bblica\\_no\\_Brasil\\_-\\_Ir\\_Aparecida\\_Barboza.pdf](http://www.cnbb.org.br/site/images/stories/Pastoral_bblica_e_animao_bblica_no_Brasil_-_Ir_Aparecida_Barboza.pdf). Acesso em: 02 mar. 2013.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

CNBB. *Catequese Renovada*. São Paulo: Paulinas, 1983.

CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil: 2011-2015*. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Dei Verbum*. In: COSTA, Lourenço (Coord. Geral). Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1997, p. 347-367.

CREMASCOLI, G.; LEONARDI, C. (Org.). *La Bibbia nel medioevo*. Bologna: Dehoniane, 1996.

FABRIS, Rinaldo (Org.). *La bibbia nell'epoca moderna e contemporanea*. Bologna: Dehoniane, 1992.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2005-2013: Bento XVI). Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2010 (Documentos Pontifícios, 194).

LIBÂNIO, João Batista. *Concílio Vaticano II*. Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo, Loyola, 2005.

LYONNET, Stanislas, et al. *A Bíblia na Igreja depois da Dei Verbum*. São Paulo: Paulinas, 1971.

MANNUCCI, Valério. *Bíblia Palavra de Deus*. Curso de introdução à Sagrada Escritura. São Paulo: Paulus, 1986 (3. ed., 2003).

MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa*. Uma explicação da Bíblia a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 1983.

MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. Um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 2007. 10. ed.

MOSCONI, Luis. *Para uma leitura fiel da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 1996.

NORELLI, Enrico (Org.). *La Bibbia nell'antichità Cristiana*. Da Gesù a Origene. Bologna: Dehoniane, 1993.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO E DO CARIBE, 2007, Aparecida. *Apostolado Veritatis Splendor*: Documento de Aparecida. Aparecida, 2007.

Recebido: 15/04/2013?

Avaliado: 20/04/2013